

## Capoeira é e não é...

João Paulo dos Reis Nery

E-mail: [edf.jpnerly@hotmail.com](mailto:edf.jpnerly@hotmail.com)

Experiência realizada com base no currículo cultural de Educação Física, desenvolvida com os estudantes do 7º ano da Escola Estadual João Sussumu Hirata, localizada no Jardim Mônica, região do Capão redondo, cidade de São Paulo, durante o ano letivo de 2017.

Ao colocar em prática o projeto, busquei me apropriar das ferramentas utilizadas no currículo cultural, por essa razão comecei as aulas realizando o mapeamento, buscando conhecer quais práticas corporais eram comuns para os educandos e quais práticas haviam estudado até aquele momento. Para isto, iniciei um bate-papo com os educandos com a intenção de identificar quais práticas corporais (esportes, brincadeiras, ginásticas, lutas e danças) haviam vivenciado na instituição escolar e em outros locais.

A partir das conversas com os educandos, percebi a predominância de algumas práticas corporais relacionadas aos esportes (handebol, futsal, vôlei e basquete), brincadeiras (queimada, rouba bandeira, pega-pega, esconde-esconde, amarelinha entre outras), danças (funk, hip-hop, sertanejo, reggae e pagode), ginásticas (hidroginástica, ginástica artística e musculação) e lutas (boxe, **capoeira**, judô, caratê e jiu-jítsu).

Após citarem diversas praticas corporais vivenciadas dentro e fora da escola, escolho tematizar a capoeira, pois avaliei que o tema lutas ainda não havia sido abordado nas aulas de Educação Física, somando-se ao fato de que a mesma está presente nas diversas praticas corporais oferecidas pelas ONG's do bairro, e possibilitaria discussões mais amplas sobre o tema.

Na aula seguinte comuniquei aos estudantes a escolha do tema (capoeira) e combinamos de criar um grupo no facebook<sup>1</sup>, para servir como acervo de informações sobre a capoeira e registros das nossas aulas. Onde no decorrer das aulas, os estudantes postaram diversos textos (vídeos, músicas, fotos, comentários) sobre o tema, algumas delas contraditórias, pois as informações, ora afirmavam, ora negavam

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/239786389813510/>. Acessado em: 01/06/2018.

as verdades sobre a capoeira, por esse motivo o trabalho recebeu o título de “Capoeira é e não é”.



Figura 1 - Grupo utilizado para registro das aulas e socialização dos mesmos.

Na aula subsequente, vivenciamos no pátio da escola a roda de capoeira, a qual foi realizada a partir dos conhecimentos dos estudantes que relataram ter vivenciado a prática corporal em outros locais. Sendo assim, nos reunimos em círculo, batemos palmas, cantamos músicas que os estudantes conheciam e atribuíam à capoeira, e uma estudante da turma ficou responsável pelo registro fotográfico e a postagem das fotos na rede social conforme combinado nas aulas anteriores.



Figura 2 - Roda de Capoeira: primeiras vivencias.

Ainda nesta aula, após finalizarmos as vivências na roda de capoeira, realizamos uma roda de conversa para compreender quais significados os estudantes atribuíam a prática corporal. Para dar início à conversa, perguntei aos estudantes o que cada um pensava sobre a capoeira. Grande parte dos estudantes fez seus comentários, mas decidi problematizar a fala de uma aluna que aproximava capoeira e religião.

Quando a perguntei, o que achava da capoeira, ela respondeu que era semelhante à macumba. Então a questioneei: o que é macumba?

Neste momento, alguns estudantes se posicionaram e disseram não saber o que realmente era, mas acreditavam que se tratava de um ritual, no qual as pessoas buscam fazer mal às outras. Então quando perguntei aos mesmos, se eles estavam falando sobre as religiões de matriz africana (Candomblé e Umbanda), ainda demonstrando dúvidas, afirmaram que sim.

Para dar sequência ao trabalho, conversei com os professores que compõem o Grupo de Pesquisa em Educação Física escolar (GPEF)<sup>2</sup>, do qual faço parte, onde socializei a experiência que estava sendo realizada e sugeriram algumas ações para serem realizadas nas próximas aulas<sup>3</sup>.

No encontro seguinte com os estudantes, comuniquei que havia postado dois vídeos no nosso grupo do Facebook. Um vídeo mostra judeus ortodoxos praticando capoeira<sup>4</sup> e o outro<sup>5</sup> mostra um grupo de evangélicos fazendo uma roda de capoeira e cantando músicas evangélicas. No mesmo período, alguns estudantes também postaram textos sobre a capoeira que afirmavam sua relação com determinada religião e outros negavam essa relação. Sendo assim, mais uma vez apareceram textos contraditórios, que aumentaram as possibilidades de olhar para a capoeira.

Após apresentar os vídeos e os textos, a fim de perceber os possíveis efeitos que ocorreram após as vivências, solicitei que os estudantes respondessem por escrito a seguinte pergunta: Qual é a relação da capoeira com a religião?

---

<sup>2</sup> Mais informações acesse: <http://www.gpef.fe.usp.br/>.

<sup>3</sup> Essas trocas de experiências ocorreram durante todo processo e me auxiliaram no trabalho com os estudantes.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rybDTAoXAtY&feature=share>. Acessado em: 01/06/2018.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ko2ndoHDfU4&feature=share>. Acessado em: 01/06/2018.

O resultado foi diversificado, alguns estudantes passaram a afirmar ainda mais esta relação, enquanto outros afastavam a capoeira da religião.

Percebo neste momento que as afirmações estavam pautadas nos discursos acessados anteriormente e/ou durante o projeto por cada estudante, porém o problema continua sendo os discursos que inferiorizam as religiões de matriz africana. Logo passamos a desconstruir tais discursos.

Nas aulas posteriores, a fim de afirmar as diferenças culturais, buscamos fazer analogias entre as religiões cristãs (professadas por igrejas católicas e evangélicas) e as religiões de matrizes africanas (Candomblé e Umbanda) mencionadas de forma pejorativa pelos estudantes. Então discutimos a cerca dos rituais, narrativas, percebemos aproximações e diferenças, alguns estudantes se posicionaram expondo sua opinião e defendendo a narrativa (bíblica) que conheciam, o que nos deu elementos para fazermos paralelos com outras narrativas, possibilitando a ampliação do olhar dos estudantes para compreender as diferentes religiões e a impossibilidade de valorizar uma em detrimento de outras.

Para dar continuidade ao trabalho, iniciamos a aula seguinte conversando sobre a origem da capoeira, pois já havíamos feito algumas pesquisas e postado as mesmas na página do facebook. Durante a conversa, parte dos estudantes atribuía a invenção da capoeira ao mestre Bimba, enquanto outros apontavam Zumbi dos Palmares e alguns não faziam idéia.

Sendo assim, notei na fala dos estudantes uma narrativa confusa sobre os períodos de ocorrência dos fatos que envolvem a capoeira e propus aos mesmos a construção de uma linha do tempo. Então dividi os estudantes em grupos, para realizarem pesquisas e socializarem suas informações por meio de seminário, a linha do tempo deveria mostrar: a chegada dos escravos no Brasil, a formação dos Quilombos, a capoeira proibida, capoeira identidade cultural e patrimônio cultural.

Simultaneamente realizávamos vivências de roda de capoeira para ampliar nossos conhecimentos sobre a prática, a cada aula os estudantes traziam novos gestos e músicas que eram socializados com os demais. Nestas vivências os estudantes relataram a necessidade da presença de alguém com mais conhecimento sobre a prática, assim, surgiu à idéia de convidar alguém para estar presente em uma de

nossas aulas, a princípio pensamos em convidar algum professor das ONG's citadas anteriormente, mas ao entrar em contato com os mesmos, não foi possível, pois não havia compatibilidade de horário.

Então nas aulas seguintes, comentei com os estudantes que faria o convite a um colega. Logo, faço o convite ao professor Marcos Ribeiro<sup>6</sup> para relatar suas experiências e nos ajudar a ampliar nossos conhecimentos sobre a prática. Feito o convite, marcamos o dia da visita e após comunicar aos estudantes, peço para os mesmos elaborarem algumas perguntas para o convidado responder no dia do encontro. Até o dia do encontro continuamos realizando vivências na sala de aula e em outros espaços da escola (pátio, quadra, corredores).

Nas aulas seguintes, os grupos que ficaram responsáveis por cada tema apresentavam os resultados de suas pesquisas.

O primeiro grupo socializou com os colegas o tráfico de escravo para o Brasil e citaram alguns possíveis locais de origem desses povos aqui escravizados (Cabo Verde, cabo da Boa Esperança e Moçambique) e que estes compõem diferentes grupos sociais e culturais (Iorubas, Geges, Malês, Bantos, Congos). Desse modo, ao apresentarem a diversidade de grupos presentes nesse processo, pergunto aos estudantes: Quais destes grupos são responsáveis pela criação da capoeira e qual seria a religião professada por esses grupos?



**Figura 3 - Estudantes compartilhando os resultados de suas pesquisas.**

<sup>6</sup> Professor da Rede Municipal do Ensino da cidade de São Paulo, ex-praticante de capoeira e integrante do GPEF, local onde este trabalho era socializado quinzenalmente.

Segundo os estudantes, não é possível apontar qual grupo o responsável pela criação da capoeira nem a religião desse grupo, pois compreenderam que os lastros da cultura africana estão presentes em muitas expressões da cultura brasileira e principalmente na capoeira.

As apresentações geravam provocações e as falas dos estudantes geravam novas problematizações. Nestes momentos, enfatizo alguns sinais que possivelmente contribuem e contribuíram para construção dos discursos que inferiorizam a cultura africana.

Entre as apresentações e as vivencias de roda chega o dia do encontro com o professor Marcos Ribeiro. Sendo assim, nos reunimos na sala de vídeo para iniciar a conversa com professor convidado, os estudantes realizavam diversas perguntas, referente a pratica corporal estudada e a experiências do professor com a capoeira. Destacamos algumas perguntas realizadas pelos estudantes:

- A quanto tempo você pratica capoeira?
- Quais lugares fora do Brasil você conhece por meio da capoeira?
- Como você conheceu a capoeira?
- Qual seu apelido nas rodas?
- Você acha que religião tem haver com capoeira?
- Você já sofreu preconceito por ser praticante de capoeira?
- Qual gesto você mais gosta de utilizar na roda?
- Para você, capoeira é uma luta ou uma dança?



Figura 4 - Entrevista com o Professor Marcos Ribeiro.



Figura 5 - Entrevista com o Professor Marcos Ribeiro.

O professor convidado foi respondendo e problematizando a fala dos estudantes, mostrando muito conhecimento sobre a capoeira, contando sua experiência de vida e propondo algumas reflexões. Logo após, seguimos com a exposição do vídeo selecionado pelo convidado com objetivo de apresentar para os estudantes os diferentes estilos de capoeira, diversos ritmos ditados pelos berimbaus e o que representava cada toque (Santa Maria, São Bento, Benguela e outros) quando a roda está sendo realizada.



Figura 6 - Professor Marcos Ribeiro apresentando o vídeo selecionado por ele para os estudantes.

Outras questões surgem com a apresentação dos vídeos, mais uma vez as perguntas foram respondidas e problematizadas pelo professor Marcos Ribeiro.

Nos momentos finais do encontro, realizamos uma roda no corredor lateral que dá acesso a quadra, com o berimbau sendo tocado pelo professor Marcos e acompanhado pelas palmas dos estudantes iniciamos a roda, todos foram convidados a entrar na roda, no início os estudantes ficaram tímidos, então o professor deixou o berimbau de lado e entrou na roda, começou a convidar os estudantes que se encorajaram e passaram a vivenciar a roda e arriscar alguns gestos.



Figura 7 - Professor demonstrando os gestos da capoeira.





Figura 8 - Vivenciando a roda.

Encerramos o encontro com o professor Marcos Ribeiro (Caranguejo) com uma ótima sensação, a maior parte dos estudantes teve a oportunidade de participar de alguma forma desta aula. Nos momentos de bate-papo e no momento de roda, a forma como o professor estabeleceu o diálogo com os estudantes foi muito importante, grande parte dos estudantes demonstraram uma ligação afetiva com o professor, o que foi essencial para o sucesso deste encontro.

Nas aulas posteriores ao encontro, os estudantes continuaram apresentando os seminários propostos anteriormente e continuamos vivenciando as rodas, agora com um pouco mais de conhecimento que era demonstrado pelos estudantes a cada vivência.

O segundo grupo apresentou sua pesquisa sobre o surgimento dos Quilombos. Logo no início da apresentação, muitos estudantes sinalizaram que não sabiam o que era Quilombo. Então o grupo passou a compartilhar informações que ajudariam os demais a compreenderem o que são os Quilombos: relataram a existência de comunidades quilombolas remanescentes até os dias de hoje e suas localizações; e citaram a história de Zumbi do Palmares, um dos maiores líderes quilombolas apontados pelos historiadores.

No entanto, as provocações giravam em torno da capoeira, os estudantes no momento da discussão queriam saber se a capoeira foi utilizada como instrumento de luta por este grupo de escravizados, criadores das primeiras comunidades quilombolas. Para isso, era necessário um aprofundamento neste tema, pois pela pesquisa

apresentada pelos estudantes não era possível afirmar nem negar essa possibilidade. Então decidimos não avançar neste sentido.

Na semana seguinte percebo que o movimento causado por conta do projeto, gera curiosidade e proporciona alguns comentários na sala dos professores, na conversa com as colegas (professoras e professores) descubro que uma das docentes é praticante de capoeira.

Então faço o convite à professora Bruna para participar de nossas aulas, ela aceita o convite e marcamos a data do encontro. Portanto, achei interessante trazer para o projeto, alguém do gênero feminino para desconstruir uma visão de que só homens têm conhecimento sobre a capoeira, ampliando ainda mais as possibilidades de compreender a prática corporal tematizada.

A aula com a professora Bruna foi um encontro que priorizamos os gestos utilizados nas rodas de capoeira. A docente apresentou para os estudantes uma aula destinada a principiantes na capoeira, onde os estudantes aprenderam uma sequência de gestos (ginga, aú, meia lua, cocorinha) para utilizarem na roda, logo explicou a necessidade destes gestos e que independente do estilo de capoeira (angola ou regional), os mesmos estão sempre presentes.



Figura 9 - Estudantes vivenciando gestos da capoeira apresentados pela professora Bruna.

Neste dia, nem todos os estudantes ficaram a vontade para reproduzir os gestos apresentados pela docente, porém os que toparam a experiência os gestos gostaram da aula e reproduziram os gestos no momento da roda. Já aqueles que não se sentiram a vontade para reproduzir os gestos durante a aula, participaram cantando as músicas, batendo palmas no momento da roda e pareciam habituados aos elementos da capoeira. Dessa forma, a experiência da professora Bruna, possibilitou aos estudantes conhecerem um pouco mais a capoeira.

Em buscar de conhecer ainda mais a capoeira, o terceiro grupo trouxe em sua pesquisa a Lei de Proibição da Capoeira (decreto 847/1890), também conhecida como Lei da Vadiagem, onde apresentaram para turma dados históricos que mostravam a repressão da capoeira. Alguns estudantes não acreditavam que isso realmente havia acontecido, outros se mostravam revoltados com a lei criada neste período.

Após os comentários dos estudantes, voltamos a discutir sobre a inferiorização de algumas culturas e destacamos para essa discussão a cultura afro-brasileira, que naquele período sofria com a repressão de seus costumes (capoeira, samba, candomblé e outros).

Buscando ampliar nossos conhecimentos sobre a discussão da aula anterior, propus aos estudantes que assistíssemos na aula seguinte o filme “Besouro”, pois o mesmo relata a história de um personagem que vive em um período próximo a este retratado pelo grupo.

Durante a exibição do filme, alguns estudantes comentavam e esboçavam algumas reações de medo e questionavam alguns acontecimentos apresentados. Essas falas e reações ocorriam quando uma entidade aparecia ou quando o protagonista do filme realizava alguns prodígios (ficava invisível, voava, “corpo fechado”). Parte dos estudantes quando via estas imagens, diziam que estes personagens eram demônios, enquanto as ações do personagem que representava o capitão do mato não geravam comentários algum. Então perguntei: - quais atitudes eram atribuídas ao demônio, a do personagem que representa a entidade ou o personagem que representa o capitão do mato?

Após a pergunta, os estudantes mudaram suas respostas, pois perceberam que as características demoníacas estavam nas pessoas que perseguiam, matavam,

escravizavam as pessoas e não aquelas que procuravam se defender utilizando de sua fé e crença. Para aula seguinte, solicitei aos estudantes que publicassem no grupo do facebook um relato sobre o filme.

Seguimos nossa dinâmica semanal, o ultimo grupo apresentou sua pesquisa sobre Capoeira identidade cultural e patrimônio cultural. A pesquisa apresentada pelos estudantes nos trouxe um pouco da trajetória da capoeira de instrumento de luta criminalizado para identidade e patrimônio cultural brasileiro.

A discussão neste tema ocorreu em torno dos significados que são transitórios, sendo assim, comentamos sobre uma possível capoeira “original”, utilizada como instrumento de luta, que posteriormente foi criminalizada por um decreto. Em outro momento, a mesma se transforma em identidade nacional e mais recentemente em 15 de julho de 2008, ela recebe o titulo de patrimônio cultural brasileiro.

De forma geral, pensamos no bate-papo daquela aula que os significados são modificados conforme as mudanças sociais e que as mudanças muitas vezes servem o interesse de alguns grupos.

Depois de todas as vivencias já relatadas, havia ainda o desejo de visitarmos um local em nosso bairro, onde a capoeira é praticada. Dessa forma, voltamos a entrar em contato com as ONG's que oferecem a pratica corporal e era freqüentado por alguns estudantes da turma. Porém isso só se concretizou, com a chegada da estagiária Larissa que passou a acompanhar nossas aulas.

Logo nos primeiros dias, a futura professora se colocou a disposição e nos colocou em contato com o professor Giggio que ministra aulas na ONG Casa do Zezinho, instituição que fica próximo a nossa escola. Então entrei em contato com o professor que observou as possibilidades e prontamente marcou nosso encontro, assim comuniquei aos estudantes que se mostraram empolgados para visitarmos o local.

Chegado dia do encontro, caminhamos em torno de 15 minutos até a Casa do Zezinho. Ao chegarmos ao local, fomos muito bem recepcionados pelo professor Giggio e pelos demais educadores da instituição.



Figura 10 - A caminho da Casa do Zezinho para mais uma aula.



Figura 11 - Conhecendo as dependências da Casa do Zezinho.

Iniciamos o encontro com o professor Giggio apresentando a estrutura da ONG, logo depois nos dirigimos à quadra local onde ocorreu a aula, ali combinamos qual seria o formato do nosso encontro, e seguimos para as vivências.

O professor começa contando sobre sua história de vida e sua relação com a capoeira e depois conta aos estudantes o processo histórico da capoeira, trazendo muitas informações sobre a prática estudada, os estudantes neste momento respondiam algumas provocações feitas pelo professor e mais uma vez a questão da religião aparece. Os estudantes relatam que um dos colegas apelidado por eles de “Obreiro” não estava à vontade de participar das vivências e do bate-papo por conta da sua religião, então o professor Giggio responde a partir de suas experiências, que é da mesma religião do educando e comenta que isso não o impede de ser capoeirista.

Dando continuidade a aula, o professor apresentou aos estudantes alguns instrumentos utilizados nas rodas de capoeira (berimbaus, agogô, pandeiro, atabaque),

então os estudantes fizeram perguntas sobre a construção desses instrumentos e também questionaram sobre as primeiras rodas: a) será que os primeiros capoeiristas utilizavam todos estes instrumentos? b) como os primeiros instrumentos (berimbaus, agogô, pandeiro, atabaque) eram fabricados?



Figura 12 - Professor Giggio apresentando os instrumentos aos estudantes, em encontro realizado na Casa do Zezinho.

Logo após responder todas as questões, Giggio deu a oportunidade de todos os estudantes terem o contato com os instrumentos apresentados. Os estudantes vivenciaram este momento seguindo as orientações do professor Giggio e de alguns estudantes da ONG praticantes de capoeira que estavam colaborando. Em seguida, o professor perguntou se os estudantes conheciam alguma música, ao responderem que “sim”, começaram a cantar com a ajuda do professor e acompanhados dos instrumentos tocados pelos estudantes da ONG e por alguns estudantes da turma.



Figura 13 - Estudantes conhecendo os instrumentos.



**Figura 14 - Estudantes cantando e tocando na roda.**

O professor dando sequência à aula propôs a vivência dos gestos da capoeira. Sendo assim, iniciou a atividade com aquecimento, depois passou para os gestos específicos da capoeira, em seguida organizou a roda de capoeira, a qual contou com os instrumentos apresentados, diferentes músicas, sincronia e gestos combinados.



**Figura 15 - Estudantes realizando aquecimento, proposto pelo docente.**

Finalizando o encontro, agradecemos pela oportunidade, ao qual propiciou aos estudantes vivenciarem uma roda de capoeira bem próxima das rodas vivenciadas por capoeiristas experientes.

Em seguida nos organizamos para voltar a nossa escola e de acordo com os comentários dos estudantes a experiência proporcionada pelo encontro foi muito agradável, assim concluímos mais uma etapa do nosso projeto.

Para finalizar nosso projeto que duraram quatro bimestres, propus uma aula onde os estudantes apresentariam uma roda de capoeira produzida por eles. Então nos reunimos algumas aulas na quadra, onde os estudantes deveriam se organizarem em grupos e escolheram três músicas (Manteiga derramou, Marinheiro só, Quem vem lá sou eu) e definiria quem tocaria os instrumentos (pandeiro e berimbau), quem entrariam na roda. Para os estudantes prepararem as apresentações foram destinadas algumas aulas.



Figura 16 - Estudantes apresentando rode de capoeira conforme solicitado.



Após esse período os estudantes apresentaram a roda produzida por eles e assim encerramos nosso projeto.

Este projeto só foi possível por conta de esforços coletivos, agradeço aos estudantes que são o motivo de tudo, a escola que ajudou em tudo que foi possível, ao grupo de pesquisa GPFE, que colaborou com sugestões, aos professores Marcos Ribeiro, Giggio e a professora Bruna, que proporcionaram momentos de ampliação e aprofundamento do tema, agradeço em nome dos estudantes do 7º ano C, que tiveram por meio destas vivências a oportunidade ampliar sua percepção sobre esta prática corporal e sobre o mundo.